

MISSIONAÇÃO NA CHINA CONTINENTAL, ENTRE OS SÉCULOS XVI E XVII: UM DEBATE DA TERRITORIALIDADE COMO ESTRATÉGIA DE ATUAÇÃO DOS JESUÍTAS

Adriana Carvalho

Docente de História da Universidade Estácio de Sá (UNESA)

Doutora em História (UERJ- PPGHS)

Coordenadora dos Cursos de História e Geografia, Licenciatura, na modalidade à distância

(UNESA)

Gestora da área de avaliação EAD

adriana.souza@estacio.br

Recebido em: 05/12/2018

Aprovado em: 12/01/2019

Resumo :

Em geral, a historiografia privilegia uma análise essencialmente cultural, aos estudos dos projetos de missão, pensando as estratégias de atuação dos padres em função das diretrizes de conversão. Entretanto, há uma questão anterior a essa problemática que nos possibilita pensar tais estratégias no campo do- espaço - de atuação. Quais eram os critérios de escolha definidos pela Companhia de Jesus para fixação das missões nos espaços europeus, como também nos quatro cantos do mundo? Os jesuítas ficaram a frente de um projeto ambicioso de “controle das almas” nos novos espaços anexados às Monarquias Católicas, como também àqueles que eram considerados estratégicos às práticas comerciais das recentes Monarquias absolutistas. Por essa perspectiva, o presente trabalho tem por objetivo discutir o campo teórico acerca do conceito de território com sua correlação direta, a territorialidade, a partir da análise das práticas de atuação dos jesuítas no Oriente – especificamente na China- entre os séculos XVI e XVII.

Palavras-chave: Jesuítas, China, catequese.

Abstract :

In general, historiography favors an essentially cultural analysis, to the study of missionary projects, thinking about the strategies of the priests acting according to the conversion guidelines. However, there is an issue prior to this problematic that allows us to think about such strategies in the field of space of action. What were the criteria of choice defined by the Society of Jesus for setting the missions in European spaces, as well as in the four corners of the world? The Jesuits were at the forefront of an ambitious project of "soul control" in the new spaces annexed to Catholic Monarchies, as well as those that were considered strategic to the commercial practices of recent absolutist Monarchies. From this perspective, the present work aims to discuss the theoretical field about the concept of territory with its direct correlation, territoriality, from the analysis of the practices of Jesuit action in the East - specifically in China - between the sixteenth and seventeenth centuries.

Keywords : Jesuits; China; catechism.

1. INTRODUÇÃO

A produção textual tem por objetivo apontar as trilhas da pesquisa de doutoramento, sobretudo no empenho de cada vez mais estreitar a relação entre meu objeto de estudo, jesuitismo na China, com a linha de pesquisa do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Formação de Professores- FFP – UERJ, a saber: *território, identidades e representações*. Para tanto, o trabalho foi estruturado em dois pontos centrais de discussão: no item *Espaços de missão no Oriente: delimitação fronteiriça “das partes de lá”* há articulação dos conceitos de territorialidade, pensando os espaços de atuação dos missionários no Oriente, com intuito de contextualização do tempo histórico a que me proponho refletir, séculos XVI e XVII. Neste contexto, o item *“Nanquim: capital auxiliar de Pequim”* representa um esforço textual em pensar para além das regiões periféricas de atuação dos padres na China, em que a historiografia priorizou análises sobre o entreposto comercial de Macau, seguramente por ser a porta de entrada oficial do projeto português ao Império do Meio, mas que não representou o único espaço das vivências entre os padres jesuítas e os chineses.

Dentre os sinólogos que estudam tais espaços, o destaque para a historiadora Isabel Pina, considerada integrante de uma nova geração, que apresenta relevantes trabalhos em língua portuguesa, no século XXI, fruto de sua pesquisa no Centro Científico e Cultural de Macau, em que se desenvolvem investigações multidisciplinares acerca da China, a partir das relações entre Portugal/Europa, bem como entre China/Ásia Oriental, no passado e no presente. Trabalhos, nos quais, tenho dado maior foco de análise e de leitura, na China Continental.

Em relação às fontes mobilizadas na pesquisa, a - *Documenta Indica*- é uma compilação epistolar, entre o período 1500-1597, feita por Joseph Wicki (1904-1993), jesuíta e historiador que dedicou sua trajetória aos estudos das missões desta Ordem na Índia, atuou como professor da Universidade Gregoriana de Roma e esteve ligado ao Centro de Estudos Históricos Ultramarinos- Portugal. Ele foi responsável por grande parte do que há publicado sobre a missão no Oriente.

Vale ressaltar a relevância documental desta fonte, organizada em dezoito volumes, como resultado da pesquisa feita no acervo - *Monumenta Historica Societatis Iesu* (MHSI) - uma coleção de volumes acadêmicos sobre as missões (157 até hoje) considerada fulcral sobre a origem e os primeiros anos da Companhia de Jesus, incluindo os escritos de Inácio de Loyola. Assim, a *Documenta Indica* espelha os esforços de publicação deste acervo, com a primeira edição em Roma, de 1948 e o seu último volume, em 1988. Para este texto, privilegio as cartas selecionadas dos volumes quinze e dezesseis, redigidas entre 1588-1594, período em que as fontes apontam informações e relatos dos tempos em que há fixação de residência dos jesuítas nos espaços setentrionais da China, como em *Nanchang* (1595) e os maiores esforços para chegar a *Pequim*.

Contudo, por entender que tal fonte pode reproduzir visão unívoca dos padres que privilegiavam a troca epistolar como instrumento de catequese e, por consequência tendo ciência de que tais cartas eram a medula espinhal da própria Ordem, serão usados também aqui outros relatos selecionados da compilação de textos -*Enformação das Cousas da China- textos do século XVI*- das gentes que estiveram em solo chinês, não religiosos, tampouco ligados à funções dentro do aparelhamento estatal das partes da

Índia; tratam-se de mercadores, viajantes e ex-cativos em território chinês, que nos permitem um contraponto daquelas informações das cartas dos padres, descrevendo as províncias e os chineses, por um outro olhar, portanto, outra escala de múltiplas vivências territoriais.

A discussão teórica sobre territorialidade e seus desdobramentos, como pensar as questões fronteiriças, não é nova. Trata-se de um campo de análise que não pode ser cunhado somente pela Geografia, mas que converge para diferentes análises no campo das demais ciências das humanidades, contribuindo na reflexão e correlação possível entre escolhas territoriais e práticas sociais. Não pretendendo, aqui, esgotar as indagações, pretendo tão somente, apresentar as múltiplas identidades a partir das vivências oscilantes destes padres, em razão da mobilidade territorial.

2. ESPAÇOS DE MISSIONAÇÃO NO ORIENTE: DELIMITAÇÃO FRONTEIRIÇA “DAS PARTES DE LA”

A Companhia de Jesus foi fundada no período em que a Europa esteve no centro das chamadas reformas religiosas que demandaram a necessidade da Igreja Católica repensar as suas práticas e estratégias de atuação, não só na fronteira do que seria uma discussão unicamente religiosa.¹ Isso implicava, também, avaliar as escolhas territoriais dos espaços de atuação que seriam estratégicos ao projeto de missão.

Em geral, a historiografia privilegia uma análise essencialmente cultural, aos estudos dos projetos de missão, pensando as estratégias de atuação dos padres em função das diretrizes de conversão. Entretanto, há uma questão anterior a essa problemática que nos possibilita pensar tais estratégias no campo do- espaço - de catequese. Quais eram os critérios de escolha definidos pela Companhia de Jesus para fixação das missões nos espaços europeus, como também nos *quatro cantos do mundo*? (GRUZINSKI, 2005). Os jesuítas ficaram a frente de um projeto ambicioso de “controle das almas” nos novos espaços anexados às Monarquias Católicas, como também àqueles que eram considerados estratégicos às práticas comerciais das recentes Monarquias absolutistas.

A ideia de *mundialização* (GRUZINSKI, 2015) alarga estes espaços, cria *multiterritorialidades* (HAESBAERT, 2004) que são múltiplos territórios sob um ideal de catequese, na intenção de fundar uma identidade cristã. Assim, tais territórios de atuação da Ordem jesuítica foram moldados sob os quadros das relações de poder, a partir da presença católica dos padres em contato com os nativos, como também em meio às tensões internas na própria Ordem. Nesta reflexão teórica sobre território, a despeito da ideia de oriente para pensarmos os espaços que se avizinham ao Índico, não se pode deixar à margem a contribuição de Edward Said que apresentou o oriente como uma *invenção do ocidente* desde a antiguidade em que “o termo já remetia a ideia de episódios romanescos, seres exóticos e experiências extraordinárias”.

¹ Sobre a Europa das reformas religiosas, Cf.: BOSSY, John. *A Cristandade no Ocidente: 1400-1700*. Lisboa: Edições 70, 1990.

Em decorrência dessa noção, o *orientalismo* (SAID, 2007) abre um debate sobre o desdobramento do conceito de território como campo simbólico, indo para além de uma conceituação que o restrinja como um espaço definido e concreto; segundo Haesbaert (2004) trata-se de considerá-lo como uma reapropriação dos espaços. Assim, a historiografia legitimou o *oriente* como um campo de estudo, mas, interessa aqui observar quais as relações de poder que se construíram a partir dessa categorização.

Para a Geografia, trabalhar os termos – território/espaço/ territorialidade - traz aparente familiaridade, tal qual as discussões sobre –tempo e memória - no campo da História. Decorre daí a necessidade de pensarmos a partir de outras fronteiras de discussão. Há uma historicidade do território² que permite ampliar o universo de significação e redimensionar o sentido do senso comum de concebê-lo como algo material e concreto. Em outra perspectiva, o território pode ser também a construção simbólica de um espaço.

Pensar a China, como um destes espaços de atuação dos padres inacianos, nos coloca num campo de análise de regiões periféricas ao ideal de cristianização do Império Ming Chinês. Através da análise das fontes, nos parece aparente a intenção dos jesuítas em ter mobilidade regional necessária em direção a uma China Continental. Isso explica as mudanças de residências, não à toa, em direção às cidades setentrionais chinesas, que pudessem aproximar as vivências destes padres aos altos funcionários mandarins da elite imperial, em Pequim. A preocupação em descrever as regiões da China não era só uma necessidade da Ordem, mas igualmente presente em outros relatos, como em carta de Cristovão Vieira, de 1520, que estivera cativo na China, descrevendo de Cantão, a complexidade geográfica tal qual a variação administrativa de cada região. Aqui evidenciando que havia duas áreas metropolitanas, a saber: *jing* e *sheng*. Esta representada por treze províncias e aquela, representada por *Beijing shi* e *Nanjing shi*, mais conhecidas por suas capitais, Pequim e Nanquim, respectivamente, tidas como as “cabeças” do Império chinês³:

A terra da China he devidida em governanças, as que estão pegadas ao mar(...) [e] as que estão no meio, destas Nãoquim & Pequim são as cabeças de toda a terra (...) O melhor desta terra esta por rios que todos decem ao mar, não navega ninguem no mar do norte, he defesso pollo Rei por se não devasar a terra. (...) tudo corre de carroto de Nanquim em barcas grandes. (D'INTINO, 1989, p.21)

Em carta datada quarenta anos após a do cativo Cristovão Vieira, podemos observar a mesma condição de apontamento da complexidade geográfica, por outro

² Para a discussão dos diferentes usos conceituais de – território- ler Ferreira, D.S. (2014) *Território, territorialidade e seus múltiplos enfoques na ciência geográfica*.

³ *Trelado de H-ua carta que da China veo a qual carta escreveo Christovão Vieira Vasco Calvo que las estão captivos os quaes forão da companhia das embaixadas que levou Fernão Perez anno de 1520*. In_ D'INTINO, Rafaella. *Emformação das cousas da China- textos do século XVI- Rio de Janeiro: Edições comemorativas dos centenários das Grandes Navegações*. 1989. P.21. Manuscrito dos Fragmentos do Archivo da Torre do Tombo

cativo de nome Amaro Pereira, quando apresenta o controle regional e as relações de poder entorno dos mandarins⁴:

Nenhã pessoa pode ir de hua guoverta para outra sem levar registro em que diga de que terra he e para onde vai e que vai fazer e de quantos anos he e se tem barba ou não (...) e se não leva logo he preso e dado tratos e degradado quanto menos. (...) Nas terras de Cantão ha passante de mil mandarins que pôde matar cõ açoutes e sentenciar a morte e isto afora os mandarins que andão de fora nas armadas e outros muitos que ha polla terra. (...) Nenu destes mandarins fora de sua jurisdição tem mando nẽ anda com honra. (Idem, p.86-93)

Portanto, analisar os territórios de atuação, desde a entrada, via Macau, por ser um dos estabelecimentos oficiais dos portugueses no Índico, como também mapeando as demais trajetórias de fixação das missões, permite-nos um olhar mais criterioso à compreensão das estratégias de atuação definidas por Alessandro Valignano, Visitador da Província da Índia (1574-1595) do Japão e China (até 1606) como também Provincial de Goa (1583-1587), sendo responsável pela decisão das estratégias e escolhas das práticas de catequese que seriam implementadas nas missões do Oriente. (TAVARES, 2005)

2.1 NANQUIM: CAPITAL AUXILIAR DE PEQUIM

Buscando observar as outras trajetórias dos padres missionários, em direção ao espaço setentrional da China podem-se identificar outros contornos de estratégias de catequese com os chineses locais, pois quanto mais saíam do eixo periférico do Sul, mais vivências estabeleciam com os *–chinas de dentro –* termo que é recorrente nas fontes para designar os chineses dos espaços continentais do Império do Meio. Classificados, já em 1617, em diversos relatos, como “mui necessarios a esta missão” o que é cunhado por Niccolò Longobardo, sucessor de Matteo Ricci em 1610 como Superior Geral da missão jesuíta da China, ao intitulá-los de “mãos e pees de todos sem os quaes não nos podemos valer nem menear” (PINA, 2008).

O relativo consenso em relação às habilidades e virtudes destes chineses, comparados àqueles do Sul da China, devia-se ao maior grau de letramento que os colocava em posição privilegiada no convívio com os jesuítas, assim, eles passam a ocupar função estratégica junto a Ordem inaciana como ajudantes dos padres em missas, intérpretes no auxílio a língua local,⁵ participam das discussões religiosas como também intercedem junto às autoridades locais, por exemplo, em casos de prisões de

⁴ *Enformação da China que ouve de hũ portugues por nome Amaro Pereira que esta preso em Cantão ha 14 anos e vai no certo [1562]* In_D'INTINO, Rafaella. Emformação das cousas da China- textos do século XVI- Rio de Janeiro: Edições comemorativas dos centenários das Grandes Navegações. 1989. P.86-93. Fragmento do Archivum Historicum Societatis Iesu de Roma [Japona Sinica 4]

⁵ O Mandarim era considerado língua oficial chinesa, falado em todo o norte e nas províncias do Centro, Oeste e Sudeste. Já o Cantonês era considerado um dialeto praticado majoritariamente na região de Cantão. Mas, havia ainda variação de outros dialetos, em regiões mais distantes dos grandes centros do Império Ming.

cristãos. Segundo Isabel Pina, alguns destes homens foram “testas de ferro” de alguns padres que estavam envolvidos em situação particularmente delicada na compra e venda de seda e ouro no mercado de Macau, prática não autorizada pela Ordem, para suprir os problemas financeiros pelos motivos já abordados aqui.⁶

Nesta escala de análise das regiões ao norte da China, no período seiscentista, a cidade de Nanquim era reconhecida como a capital auxiliar do Império (Pequim), não só pensando a partir das referências de riqueza econômica, como também pelos referenciais culturais da China. O fôlego econômico em parte se explica em função de sua via fluvial que permitia a circulação dos produtos, como a seda, por exemplo, por seu grau de relevância no mercado europeu e asiático. Contudo, isso não foi um privilégio da Dinastia Ming, já que tal ascensão remonta desde a Dinastia Song, sobretudo ao final do século XIII. Soma-se a isso, a explicação demográfica desta região que era a zona mais densamente povoada do Império, com seus 10.402 milhões de habitantes registrados, o que nem sempre espelhava a realidade populacional.⁷

A vitalidade expandia-se também aos quadros culturais, já que nela residia grande parte dos intelectuais do Império Ming. Não é sem razão que ali se impunha uma próspera rede de indústria de publicação que irá, por associação, explicar mais um dos motivos de interesse por fixação de residência dos jesuítas, lembrando que a partir do século XVII aumentam significativamente os impressos de obras relevantes e selecionadas pela Ordem dos jesuítas, traduzidas ao mandarim⁸. Assim, de certo que juntamente com o mercado livreiro local, essa praça tornou-se alvo de interesse dos missionários que fizeram residência por lá, a partir de 1599. Na análise de algumas cartas do italiano Matteo Ricci há aparente encantamento com a proximidade aos letrados de Nanquim, referindo-se à cidade como “*la maggiorre e più bella città di tutto il mondo*”.

A primeira passagem por Nanquim remonta a 1595, mas com o objetivo apenas de uma tentativa frustrada de ir a Pequim. Inúmeros eram os pedidos do jesuíta italiano, junto aos influentes mandarins locais, para prover visita ao Imperador; pedidos que não foram aceitos e que explicam a curta duração da permanência dos padres ao final do século XVI nesta região. Por uma questão estratégica da missão, percebemos através do

⁶ Estas questões de contornos ilícitos não aparecem nas cartas, pelo cunho de instrumento também de prestação de contas aos superiores da situação de cada missão, mas tal evidência pode ser interpretada nos relatos daqueles que não eram padres, como na fonte da Emformação das cousas da China e mesmo na intenção mais formal de alguns padres em registrar as dificuldades financeiras, relatadas em forma de indagação, como na carta de padre Martins, registrada em Goa, 1588, em que este missionário diz “pregunta-sse: se hee algum inconveniente nas esmolos e legados que se deixão à igreja, poderaa passar quitações a parte (...)para otras cosas del servicio de nuestro Señor” ,o que nos permite estabelecer este paralelo da tentativa de buscar outros recursos ou práticas proibidas, para suprir a demanda da missão chinesa. Em carta-resposta a esta, há uma tentativa de manter as rédias do controle sobre tais ações, como seguiu: “puede, consultando primeiro el negocio com el superior” in_ Documenta Indica, vol XV, p. 128-130

⁷ De acordo com a análise de alguns sinólogos, pensar o levantamento demográfico nestes tempos é sempre fluído, porque havia uma tributação de impostos do império chinês que era taxado a partir da base de cálculo dos registros populacionais. Assim, os números oficiais são, em geral, superiores , indicando um desvio demográfico maior do que a estimativa populacional. C.F.: Spence, J. Em busca da China moderna: quatro séculos de história. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁸ O período de maior publicação das obras Riccianas coincide com os tempos de maior proximidade com os impressores e livreiros locais, como se vê, a seguir: Em 1602 publica revisão do *Mapa Mundi*; 1603 publica *Verdadeiro Significado do Senhor do Céu*. Já em 1607 e 1608 publica *seis livros dos Elementos de Geometria de Euclides* e *Dez discursos de um homem paradoxal*, respectivamente. C.f: Spencer, J. O Palácio da memória de Matteo Ricci. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

fluxo de cartas deste período, oscilantes idas e vindas de alguns jesuítas que deixavam Nanquim e voltavam para a residência em *Nanchang*, com a intenção de não exacerbarem, entre os influentes mandarins, a ideia de desobediência ou descumprimento das ordens das autoridades locais que proibiram-nos de seguir em direção a Pequim. Essa situação deixava estas autoridades também em condição de vulnerabilidade, já que a punição por “encobrir ou acolher estrangeiros” era severa, podendo incorrer em acusação de traição ao Império.⁹

Rapidamente, por estes quadros, os jesuítas entenderam que deveriam residir em Nanquim, sem a insistência de chegar a Pequim. Tal estratégia nos ajuda a analisar as práticas de atuação que foram contornadas por mais ações em proveito de difundir os demais saberes dos tempos em que os padres estiveram voltados aos estudos, na Europa, do que propriamente um maior investimento às ações que fossem diretamente ligadas às questões de catequese¹⁰. Assim, a partir dessa circulação em territórios próximos a Pequim, os padres começam a adotar novos hábitos, primeiro, em termos de aparência, por meio da adoção do estilo dos letrados, desvinculando suas respectivas imagens às representações sacerdotais. Pouco a pouco, os jesuítas irão ocupar o status social de -letrados do ocidente- abandonando o estigma de *bonzos*¹¹ ou “religiosos do ocidente”. O que ainda será priorizado, ao longo da pesquisa, a partir da análise das representações simbólicas e das múltiplas identidades decorrentes deste estreitamento de convívio com as gentes de maior prestígio no Império chinês.

3. CONCLUSÕES

A questão da mobilidade territorial dos jesuítas, vista aqui, acentua a possibilidade de pensarmos que o deslocamento geográfico vivido por eles, mais por decisão política das províncias e menos por decisão estratégica de atuação, é o mote para pensarmos as múltiplas identidades e práticas culturais entre chineses e jesuítas. A cada nova fixação importava definir um conjunto de representações simbólicas que pudessem reorganizar e acomodar a missão às especificidades daquele local, minimizando o estranhamento dos chineses de cada localidade distinta quanto às primeiras impressões em relação aos jesuítas, como já visto aqui em relação à vestimenta, aspectos físicos, hábitos de conduta e, no campo religioso, a redefinição do que deveria ser priorizado em termos de sistema de crença.

Assim, não conseguindo resultados relevantes em termos de conversão, olhando o recorte até a primeira metade do setecentos, pensar para além da ideia de homogeneidade cultural parece ser eficaz aos estudos da missão no Oriente, especificamente aqui, a China, colocando em perspectiva as relações de força que se

⁹ Nestes tempos foi promulgado em Nanquim éditos que proibiam o acolhimento de pessoas cujos trajés ou fisionomia aparentassem a de estrangeiros. Por este clima hostil, alguns padres esconderam-se em embarcações até que tivessem condições de retornar à uma residência fixa.

¹⁰ Isso se sustenta, segundo Isabel Pina, op.cit, quando se observa a presença de Ricci em Nanquim, de 1599 a 1600, em que ela reputa a atividade religiosa quase nula. Fazendo menção a dois casos apenas de batismo de chineses locais: Qin, um militar local de setenta anos (batizado Paulo) e Qin Jiyuan, seu filho (batizado Martinho). Em carta ânua da China de 1609, p.90

¹¹ Bonzos eram considerados aqueles que praticavam rituais de pagode, como também adivinhadores. Os missionários eram considerados “bruxos feiticeiros do ocidente”. Em dicionários contemporâneos já é um verbete para designar “dissimulado, hipócrita”.

construíram a partir de campos de representações sociais distintos. Tal projeto pode ser pensado afora as fronteiras de uma estratégia de assimilação ou de adaptação. Para Stuart Hall (2000), nos estudos sobre identidade, pensar a “sutura” das práticas culturais é mais interessante. Aqui, as experiências entre os inacianos e os chineses produziram pontos de contato entre um projeto de cristianização ocidental e um complexo sistema de crenças encontrado entre os chineses, sobretudo em tempos de convívio nas regiões da China Continental.

Em cada nova região do Império chinês, vimos deflagrar a preocupação dos missionários por sublinhar mais as semelhanças entre eles, padres europeus, e os chineses. Entendendo que a partir das fontes que foram analisadas, havia uma nítida assimetria do projeto de catequese, na missionação no Oriente, entre os preceitos que regulavam e orientavam tais missionários inacianos, comparados aos relatos das vivências nas terras do Império chinês. Tal assimetria rompe com a premissa de um projeto de catequese pensado de cima para baixo, em termos de representações simbólicas. Aqui, apenas um esforço de construir uma problematização, a partir da correlação entre redimensionamento territorial e múltiplas identidades destes religiosos da Companhia de Jesus.

Por fim, distintas realidades foram vividas por estes padres, nos mais de vinte e cinco anos em solo chinês, sob a orientação de *Li Matteo* (como Matteo Ricci era conhecido entre os letrados chineses, em tempos de convívio em Nanquim); vivências que nos impelem a pensar, a partir das fontes, o quão confuciano tornou-se um padre ou o quanto cristão tornou-se um chinês. Aqui, pareceu-me um segundo plano frente às múltiplas identidades produzidas.

4. FONTES E REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

4.1. FONTES

WICKI, José. *Documenta Indica*. Romae: Monumenta Historica Societatis Iesu, 1948-1988. Volumes 15 e 16.

D’INTINO, Rafaella. *Enformação das cousas da China- textos do século XVI*- Rio de Janeiro: Edições comemorativas dos centenários das Grandes Navegações. 1989.

4.2. BIBLIOGRAFIA

BOSSY, John. *A Críandade no Ocidente: 1400-1700*. Lisboa: Edições 70, 1990.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

_____. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996

BOXER, C.R. *O império marítimo português 1415 -1825*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *A Igreja militante e a expansão Ibérica 1440-1770*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

- _____. O grande navio de Amacau. Macau: Fundação Oriente. Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1989
- BURKE, Peter. O que é história cultural. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CARVALHO, A.S. Representações Sociais e construção da memória no oriente português: aspectos da presença jesuítica na China. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO, 2002. dissertação
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Estudos avançados. V5 n11, São Paulo.
- CHELOTTI, Marcelo Cervo. Reterritorialização e identidade territorial. Uberlândia: Revista Sociedade e Natureza v.22, 2010
- COLLA, Elisabetta. Estudar o impacto do Cristianismo na China: comparações por analogias versus saber ver. Lisboa: Revista Lusófana de Ciências das Religiões, n.13 e 14, 2008.
- DURKHEIM, E. MAUSS, M.. De quelques formes primitives de classification: contribution à l'étude des représentations collectives. < Texte extrait de l'Année Sociologique, 1903 >. Paris: Les Éditions de Minuit, 1969.
- DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- ELIADE, Mircea. Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1996
- FERNANDES, Bernardo Mançano. Sobre tipologias de territórios. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (Org.) Território e Territorialidades: teorias, processos e conflitos. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- FERREIRA, Denilson Silva. Território, territorialidade e seus múltiplos enfoques na ciência geográfica. Revista de geografia agrária. V.9. Universidade Federal do Pará, 2014.
- FERRO, J.P. A epistolografia no quotidiano dos missionários jesuítas nos séculos XVI e XVII in: Lusitania Sacra, 2, série 5, 1993.
- GERNET, Jacques. Chine et Christianisme: Action et réaction. Paris: Gallimard, 1982.
- _____. Chine et Christianisme: La première confrontation. Paris: Gallimard, 1991.
- GIMENEZ, Gilberto. La Cultura como identidad y la identidad como cultura. México: Instituto de Investigaciones Sociales – UNAM, 1997
- GIRARD, Pascale. Les Religieux occidentaux em Chine. À L époque Moderne. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian. 2000.
- GOODY, Jack. Renascimentos: um ou muitos? São Paulo: Editora UNESP, 2011
- _____. O Roubo da história: como os europeus se apropriaram das ideias e invenções do Oriente. São Paulo: Contexto, 2013.
- GRANET, Marcel. O pensamento chinês. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997
- GRUZINSKI, Serge. A passagem do século: 1480-1520: As origens da Globalização. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. O pensamento mestiço. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- _____. Passeurs y elites “católicas” en las Cuatro Partes del Mundo. Los inicios ibéricos de la mundialización (1580-1640). In: *Passeurs, mediadores culturales y agentes de la primera globalización en el Mundo Ibérico, siglos XVI-XIX*. Scarlett O’Phelan & Carmen Salazar-Soler (editoras). Lima: IFEA, 2005.
- _____. *A águia e o dragão: ambições europeias e mundialização no século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- HAESBAERT, Rogério. *Território e Multiterritorialidade: um debate*. Niteroi: UFF, Instituto de Geociências, Revista GEOgrafia, 1999.
- _____. *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade*. I Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades, Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS, Curso de Geografia da ULBRA e AGB-Porto Alegre, 2004.
- HALL, Stuart. *Quem precisa de identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu de (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Humanitas, 2003.
- LACOUTURE, Jean. *Os jesuítas: os conquistadores*. Porto Alegre. LPM Editora, 1994.
- PÉCORA, Alcir. *Máquina de Gêneros*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001
- MANSO, Maria de Deus Bentes. *Macau e as Filipinas no século XVI-XIX “ a rota marítima da seda”*. Portugal: Universidade de Évora, 2014.
- PINA, Isabel. *Os jesuítas em Nanquim -1599-1633-*, Macau: Centro Científico e Cultural de Macau, 2008
- _____. *Jesuítas Chineses e mestiços da missão da China(1589-1689)*. Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau, 2011.
- PINTO, C.L. *Faturas em Taéis de Prata e Pagamentos em Reais na formação do Sistema monetário do Macau antigo*. Revista administração 101, vol XXVI, Macau: Universidade de Macau, 2011.
- RUSEN, Jörn. *¿Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia*. Traducción de F. Sánchez Costa e Ib Schumacher. [Versión castellana inédita del texto original alemán en K. Füssmann, H.T. Grütter y J. Rösen, eds.: *Historische Faszination. Geschichtskultur heute*, 1994
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SÁNCHEZ-COSTA, Fernando: *La fragua de la identidad. Memoria, conciencia histórica y cultura histórica*. En Sánchez-Costa, F. y Palos, Joan-Lluís: ‘A vueltas con el pasado: historia, memoria y vida’. Edicions Universitat de Barcelona, Barcelona, 2013.
- SAQUET, Marcos Aurélio. *Por uma abordagem territorial*. In: SPOSITO, Eliseu Savério. (Org.) *Território e Territorialidades: teorias, processos e conflitos*. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SEABRA, Leonor. Macau e os jesuítas na China (séculos XVI e XVII). Disponível em:
[file:///C:/Users/Adriana/Downloads/Macau%20e%20os%20jesu%C3%ADtas%20na%20China%20\(s%C3%A9culos%20XVI%20e%20XVII\)%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Adriana/Downloads/Macau%20e%20os%20jesu%C3%ADtas%20na%20China%20(s%C3%A9culos%20XVI%20e%20XVII)%20(1).pdf)

SPENCE, Jonathan. O palácio da memória de Matteo Ricci: A história de uma viagem da Europa da Contrarreforma à China da Dinastia Ming. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

_____. Em busca da China moderna: quatro séculos de história. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

TAVARES, Celia. Alessandro Valignano: o Progresso da Companhia de Jesus nas Índias Orientais. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História, Londrina, 2005.

TODOROV, Tzvetan. A Conquista da América: A questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WILLAIME. P. J. Sociologia das Religiões. São Paulo: Editora Unesp, 2012.